

RESENHA: PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

VIDA, SONHO E OBRA SE JUNTAM

¹Marta Virgínea machado Klein

Pedagogia da Esperança, 245 páginas, de Freire, Paulo Reglis Neve, São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Paulo Freire (1921-1997) representa um dos maiores e mais significantes educadores do século XX. Sua pedagogia mostra um novo caminho para a relação entre educadores e educandos. Caminho este que consolida uma propostas político-pedagógica elegendo educador e educando como sujeitos do processo de construção do conhecimento mediatizados pelo mundo, visando a transformação social e construção da sociedade justa, democrática e igualitária.

Conhecido mundialmente por sua coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação, que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para aquisição dos instrumentos de leitura e escrita, quanto para a sua libertação, fez dele um dos primeiros brasileiros a serem exilados.

A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de alfabetização conscientizadora e, por isso, foi acusado de subverter a ordem instituída. Foi preso após o Golpe Militar de 1964 e, depois de 732 de reclusão, foi convencido a deixar o país. Exilou-se no Chile, onde encontrando um clima social e político favorável ao desenvolvimento de suas idéias, desenvolveu durante cinco anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno de Reforma Agrária. Foi aí que escreveu, em 1968, a sua principal obra: *Pedagogia do Oprimido*, obra essa que Freire retoma para repensá-la, revivê-la em 1992, na *Pedagogia da Esperança*.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Lisboa – Portugal. Professora da Faculdade de Educação, Administração e Tecnologia de Ibaiti-PR e da Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz - PR. Coordena do setor de Infra- estrutura do 32º Núcleo Regional de Educação do Paraná.

Pedagogia da Esperança, é a obra que vamos nos ater para análise. Um livro que recupera da história vivida os temas provocados pela *Pedagogia do Oprimido*, no qual o autor faz um delineamento sistemático de sua teoria.

A obra está dividida em sete partes, além das primeiras palavras e notas que apresentam alguns detalhes para melhor esclarecimento aos leitores e leitoras, no decorrer da leitura.

Em Primeiras Palavras, o autor refere-se à obra de forma encantadora, quando diz tê-la escrito com raiva, com amor, sem o que não há de esperança. Uma defesa de tolerância que não se confunde com a convivência, da radicalidade da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neo-liberal.

Preocupado com o contexto da educação brasileira, já, na primeira parte, Paulo Freire, declara a urgência da democratização da escola pública, da formação permanente de seus educadores e educadoras, entre os quais, ele incluía, vigias, merendeiras, zeladores. Uma formação permanente científica, frisando as práticas democráticas, resultando a ingerência dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola.

Para o autor, educadores e educadoras progressistas devem construir uma postura dialógica e dialética, trabalhando o processo do ato de aprender, fundamentado na consciência da realidade vivida pelos educandos, do seu 'aqui', do seu 'agora', e, jamais reduzir-se ao simples conhecer de letras, palavras e frases vazias de significado, alheias ao seu mundo. A participação do sujeito no processo de construção do conhecimento, não é algo mais democrático, mas algo mais eficaz.

Na segunda parte, Freire recorre à *Pedagogia do Oprimido*, texto que retoma, na sua 'maioridade', para 're-ver', 're-pensar', 'para re-dizer'.

Durante toda a obra o autor refere-se a várias críticas, das quais a *Pedagogia do Oprimido* foi passiva, e, é nesta segunda parte que ele aproveita, de uma forma muito singela, para agradecê-las. Um mestre como Freire só poderia ter reagido assim: revendo criticamente a sua prática, teorizando e tornando prática sua teoria.

O autor enfatiza que, "educadores e educadoras progressistas precisam ser coerentes com seu sonho democrático, respeitando seus educandos e jamais, os manipulem, mas que os levem a aprender ao aprender a razão dos objetos ou dos

conteúdos, através de uma séria disciplina intelectual, que segundo Freire, tem sido forjada desde à Pré-escola”.

Na terceira parte da obra, o autor esclarece-nos como constituir essa disciplina intelectual mencionada na segunda parte, pois esta, não pode gerar de um trabalho feito nos alunos pelo professor (educação-bancária) mas através do diálogo e incentivo dos mesmos, ultrapassa-se as ‘situações-limites’, o educador – educando chegam a uma visão totalizante, permitindo que a disciplina seja *construída* e *assumida* pelos alunos. E declara, que a educação deve estar centrada no educando e não educador. O aluno deve ser o senhor de sua própria aprendizagem.

A cada parte da obra, o autor vai mostrando seu sonho, seu desejo ardente de abrir espaços para os seres humanos desprovidos do poder, para que estes venham ser produtores de sua própria voz, protagonistas de sua história.

Para Freire, a educação verdadeira é aquela que visa a humanização, ou seja, que busca na construção de uma vida social mais digna, livre e justa, partindo sempre da realidade do educando. Por isso, sugere aos educadores e educadoras, a construção de uma postura dialógica e dialética, não mecânica, de forma humilde, mas esperançosa, contribuindo para a transformação das realidades sociais, históricas e opressoras que desumanizam a todos.

Na quarta parte, Freire declara que não é mecanicista, pois sua perspectiva é dialética, atenta à realidade, que é dinâmica, imprescindível, marcada pela contradição, e ressalta, aos mecanicistas e idealistas que só é impossível entender o que se passa na relação de opressores com oprimidos, através do entendimento dialético.

O autor dirige-se novamente aos educadores e educadoras progressistas, no que diz respeito à questão dos conteúdos programáticos da educação, e afirma que, não há outra posição para eles em face às questões dos conteúdos, senão lutar incessantemente em favor da democratização da sociedade, que implica a democratização da escola, como necessariamente, de um lado a do conteúdo, de outro, da de seu ensino.

Freire, fala também, nesta quarta parte, de fatos, de acontecimentos de tramas que participou, de cartas que recebia, de visitas que fez a outros países e, nos quais momentos e lugares, teve a oportunidade de participar de debates, que quase

sempre giravam em torno das linhas e entrelinhas *da Pedagogia do Oprimido*. “O medo da liberdade”.

O pensamento de Paulo Freire rompeu a relação cristalizadora de dominação, buscando pensar a realidade dentro do universo do educando, construindo uma prática educacional, considerando a linguagem e a história da coletividade. E, declara o autor: "esta é uma esperança que nos move". (p.126).

Na quinta parte, Freire faz relatos muito interessantes como: uma conversa que teve, em Genebra, com um trabalhador imigrante espanhol, sobre um programa de educação infantil, que eles haviam organizado e executavam com seus filhos. Sobre sua primeira visita à África, à Zâmbia e à Tanzânia. E também, da visita que fez a doze estados do Estados Unidos, a convite de lideranças religiosas ligadas ao Conselho Mundial de Igrejas. Em todos os encontros que realizou nestes lugares, os debates giraram em torno *da Pedagogia do Oprimido*.

Na sexta parte, Paulo Freire aborda um tema que já discutira também na *Pedagogia do Oprimido*, unidade na diversidade, afirmando ser uma longa e difícil caminhada, as ‘minorias’, no fundo, repita-se, maioria, em contradição com a única minoria, a dominante, teriam muito o que aprender.

Elucida o autor, "ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se põs a caminhar". (p.155)

Analisando essa maravilhosa declaração de Freire, é possível observar que, ela fazia parte de seu dia a dia, pois ao escrever este livro, estava re-fazendo, retocando o sonho que se pôs a caminhar.

Prossegue Freire, destacando que há um outro aprendizado demasiado importante mas, ao mesmo tempo, demasiado difícil de ser feito. Ele refere-se ao aprendizado de que a compreensão crítica das chamadas minorias de sua cultura, não se esgota nas questões de raça e de sexo, mas demanda também a compreensão nela do corte de classe. Em outras palavras, além da cor da pele, da diferenciação sexual, há também a cor da ideologia.

A multiculturalidade, para o autor, esta não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade *conquistada*, sem medo de ser diferente, de ser cada um ‘para si’, somente

como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo-poderosismo de uma sobre as demais.

Freire, relata também uma outra jornada com momentos marcantes, a sua primeira visita ao Caribe, com um programa de encontros e debates em várias ilhas, dos quais permitiu ao autor, perceber o quanto estava distante da vida concreta, do cotidiano de camponeses e camponesas.

Ressalta FREIRE, que em fins de 1979 e começos de 1980, esteve duas vezes, novamente, no Caribe. Dessa visita destaca três encontros que o impressionou: o primeiro foi o encontro que teve com o ministro; o segundo, foi o que teve com os funcionários administrativos do ministério da Educação, desde serventes e motoristas até as secretárias dos diferentes departamentos, passando pelas datilógrafas; o terceiro momento que o tocou foi com Mr. Bishop, de quem destaca três qualidades: simplicidade, o gosto da liberdade e o respeito à liberdade dos outros; a maneira dialética de pensar e, não a maneira de falar sobre a dialética.

Na visita que o autor fez à Austrália, destaca a oportunidade que teve de conviver com intelectuais que, no lado certo de Marx, alcançando por isso mesmo, corretamente, a relação dialética mundo-consciência, perceberam a teses defendidas na *Pedagogia do Oprimido* e não a consideraram um livro idealista.

O autor, percorreu grande parte da Austrália, discutindo com trabalhadores de fábricas, professores e alunos universitários, com grupos religiosos. Entre estes, não importava se eram católicos ou protestantes, o tema gerador era a *Teologia da Libertação*.

Na sétima e última parte, o autor fala de sua passagem por Fiji, nos anos setenta, onde teve um encontro com estudantes, na Universidade Pacífico Sul, discutindo com eles aspectos da *Pedagogia do Oprimido*, e ressalta que em 1992, em Itabuna - Bahia, na Universidade Santa Cruz, revive os mesmos aspectos discutidos em setenta, em Fiji. As distâncias temporais que separaram as duas reuniões, afirma o autor, que tiveram algo de semelhante, tinham motivações parecidas: moviam-se atizados pelo gosto da liberdade e tinham a *Pedagogia do Oprimido*, um ponto de referência.

O autor afirma ter deixado propositadamente, para encerrar este ensaio, com uns poucos comentários à sua última visita ao Chile, pois declara ser esta uma das

visitas que lhe deixou marcas mais vivas. Fixa-se em dois momentos, que os considera os mais importantes desta visita: no clima extraordinário de luta político-ideológico, na confrontação de classe que alcançava níveis de sofisticação por parte das classes dominantes e de aprendizado por parte das classes populares.

Nesta parte o autor fala também de seu percurso pela Argentina, no qual é surpreendido pelo ímpeto renovador com que as universidades se estavam entregando ao esforço de recriar-se.

Freire, faz referências em relação às Universidades, afirmando que estas devem girar em torno de duas preocupações fundamentais, de que se derivam as outras e que têm apenas dois momentos que se relacionam permanentemente: um é o momento em que conhecemos o conhecimento existente, produzido; o outro, o momento em que produzimos o novo conhecimento. E, ressalta, “na verdade, porém, toda docência implica pesquisa e toda pesquisa implica docência”. Para ele, ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses momentos do ciclo gnosiológico “*o em que se ensina e se aprende o conhecimento existente e o que se trabalha o conhecimento ainda não existente*”. (FREIRE, 1997:31)

Assim, a docência/discência e a pesquisa são indissociáveis práticas no dia a dia da práxis pedagógica que se quer constituidora de sujeitos históricos, socialmente situados.

Encerrando o ensaio, Freire relata a visita que fizeram, ele e Nita a EL Salvador, em julho de 1992. Nesta visita o autor foi convidado por camponeses e camponesas, para com esperança, festejar um hiato de paz, na guerra. A eles e a elas se juntaram professores e professoras, da Universidade de El Salvador que lhe outorgou o título de doutor de *honoris causa*.

O autor destaca nesta parte algumas de suas visitas às diferentes zonas do país, e ressalta que em uma destas assistiu uma sessão de um “Círculo de Cultura” em que militantes armados se alfabetizavam, aprendiam a ler palavras fazendo a releitura do mundo. É esse o tipo de alfabetização, que afirma Freire, sempre ter defendido, um aprendizado de leitura e de escrita das palavras, que faziam na compreensão do discurso e que emergia ou fazia parte de um processo maior e mais significativo – o da assunção da cidadania, o da tomada da história.

Além dos capítulos mencionados, a obra apresenta as *Notas*, que foram muito

bem organizadas por Ana Maria Freire, para aclararem e amarrarem aspectos importantes do texto de Paulo Freire. Ela foi muito feliz na forma como organizou e transmitiu as *Notas*, possibilitando ao leitor e à leitora uma compreensão mais fácil de alguns termos utilizados na *Pedagogia da Esperança*.

Considerando o que foi exposto pelo autor em *Pedagogia da Esperança*, cabe-nos concordar, que esta obra, veio realmente reforçar as categorias básicas, propostas por Freire na década de sessenta, em *Pedagogia do Oprimido* e podemos afirmar que elas não mudaram. O que mudou foi à forma histórica de colocá-las em prática, os temas geradores, a realidade dos educandos como ponto de partida, a escola como espaço de construção do conhecimento e de organização da comunidade, o respeito à autonomia dos educandos e também do educador, e a necessidade de formação permanente para os educadores, instigando-lhes a consciência crítica, levando-os a serem perquiridores em suas práxis. Estas formulações o autor viveu-as em sessenta e re-viveu-as em noventa, mas se mantêm atuais.

A busca agonizante pela mudança, faz parte, hoje, do cenário da educação brasileira, em pleno século XXI, tão viva quanto Freire retrata em seus escritos, da década de sessenta. Esta angústia pela mudança parece ser o salto axiológico que o professor e a escola precisam dar, no sentido desta tomada de consciência que os fará buscar novas possibilidades. Enquanto isso não acontecer, como afirma Freire, sem a problematização da realidade, das práticas políticas, sociais e escolares, parece difícil que aconteça a superação da consciência ingênua e do senso comum que caracterizam os saberes escolares.

Sair das pretensas, certezas e aventurar-se pelo caminho enredado das dúvidas, dos questionamentos contínuos e da busca incansável, sempre será difícil e, para muitos, talvez signifique uma espécie de insanidade mental. No entanto, sabe-se que o profissional, nos dias atuais, e dentre todos, principalmente o educador ou educadora, não pode dar-se ao luxo de sentar-se à margem da história, esperando que ela aconteça, sem interferir. Afinal, afirma Paulo freire (1997:110), “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

Torna-se cada vez mais clara, para os professores, a necessidade de investigar, de desenvolver formas sempre mais criativas de ensinar. “O que existe hoje no mundo não deve ser entendido como algo eterno ou impossível de ser modificado”. (ZITKOSKI, 2000). Mas, para que isso se torne realidade, é necessário que os educadores adentrem à essa educação problematizadora, consolide sua proposta pedagógica partindo do ponto de que educador e educando são sujeitos do processo de construção de conhecimentos mediatizados pelo mundo.

Afinal, podemos observar, através desta obra, que Paulo Freire provou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade, sendo a educação desta forma, um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade.

É preciso compreender que não se trata de petrificar as obras de Paulo Freire, nem mesmo os métodos colocados por ele da década de sessenta e repensado na década de noventa, pois a educação também é histórica. A questão central é aprender a concepção de educação na qual se fundamenta. Não há uma teoria do conhecimento e um método que não se contentem com idéias. Trata-se de um compromisso permanente e sistemático em prol da emancipação e da conquista da autonomia das classes oprimidas, que “estão sendo” historicamente.

Enfim, pelo que foi possível abordar, nos limites deste texto, esperamos haver comunicado a importância deste livro para profissionais da educação, bem como para todos àqueles que estão envolvidos com a escola e preocupados com uma educação autêntica, na qual possa formar crianças e jovens construtores ativos.

Almejamos que todos os educadores e educadoras sejam contagiados, pelo encantamento de Freire com a vida, com a liberdade, com o prazer da aprendizagem, com o gosto de conhecer junto com outras pessoas, sejam atingidos pela sua paixão , pelo seu sonho.

“Paulo Freire foi um educador apaixonado, que amava um sonho futuro”.
(SHOR, 1987, p.224)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, P. (2000). **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra.
- _____ (1987). **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1997). **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (1996). **A Importância do Ato de Ler**. Rio de Janeiro: Cortez.
- _____ e SHOR, I. (1987). **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ZITKOSKI, J.J. (2000). **O Legado de Paulo Freire – Caderno Pedagógico**.